

# Lava Jato matou também nosso “son of a bitch” de confiança

**Claudio Tognolli**

Claudio Tognolli

15 de julho de 2015

Assassinado em 1956, e um dos fantoches dos EUA na Guerra Fria, o ditador nicaraguense Anastasio Somoza traz em sua vida uma passagem didática, e ora singularmente aplicável ao Brasil.

O presidente Franklin Roosevelt teria dito uma vez: “Somoza pode ser um filho da puta, mas é o nosso filho da puta”. Mas o historiador David Schmitz refere que jamais encontraram a frase nos arquivos da Biblioteca Presidencial de Franklin D. Roosevelt. Resumida como “our s.o.b. (son of a bitch)”, a mais famosa declaração do Roosevelt brotou publicamente em 15 de novembro de 1948, na revista Time. E virou verdadeira.

Ao ter se encontrado com Renan e Cunha, há quase duas semanas, o ex-presidente Lula não usou palavrões ao abandonar a cena (ele é finíssimo e não cometeria baixos calções, não?)

Mas confidenciou a interlocutores um “nós precisamos dessa gente”.

Lula entregou o berçário do rei Herodes: e o país vive um parlamentarismo de saias.

Dilma e Lula achavam que o PMDB os salvaria, por conta de sua capilaridade política. Mas o PMDB os rifou.

Lembrem-se que Quércia foi quem inventou as frentes municipalistas. Elas fizeram do partido o mais forte do Brasil

(Luiz Fernando de Souza, o Pezão, o mais novo arauto do municipalismo, vem de uma terra carioca de ninguém, obscuro município de Pirai). Lembrem-se: o PMDB saiu das eleições de 2014 como o maior partido do país em Estados administrados. Dispõe também do maior número de municípios e de parlamentares no Congresso Nacional; emplacou sete governadores, a maior quantidade entre as nove legendas que elegeram governantes no ano passado. Em 2012, lembre-se também, o PMDB fez o maior número de prefeitos (1.019 ao todo). Lula sabe disso muito bem.

Os “s.o.b’s” com os quais conta o PT, constantes do PMDB, vendem a mãe também: mas não entregam. Venderiam a alma, mas não podem fazê-lo: porque, para pô-la no mercado, necessita-se de uma.

Ao ter alertado a Dilma, nessa terça-feira, de que o pior virá, Lula tecnicamente a rifou. Dilma sabe que é aplicável a Lula, também a frase que Kennedy usava contra Lyndon Johnson: “Como você sabe que Lyndon mente? Quando torce as orelhas, não é sinal de que mente; quando arqueia as sobrancelhas, também não significa que esteja mentindo: mas quando mexe seus lábios, está mentindo”.

Nossos “s.o.b.s” já rifaram Dilma. Vibra, no episódio, a imagem dos corvos se enrodilhando em torno dos despojos do cadáver da presidente.

Sobrou o quê? Não sobrou nada, nem oposição, de resto contaminada ao osso, também, com as investigações da Lava Jato.

Só para lembrar: em comparação aos anos FHC, as operações da PF sob Lula aumentaram quinze vezes. A PF foi, de início, o mais festejado meteoro pairando sobre a quermesse de Lula.

Notem que Lula parou de falar em “PF republicana”.

Notem que já foram dois encontros de costura “off shore”, para tentar detonar a PF: Janot e Cardozão, em Buenos Aires, e Dilma e Lewandowski, em Portugal.

A outrora PF “republicana” ora é rifada fora do Brasil.

Petistas jogavam elogiar a PF uma forma de vender o apanágio da democracia imperturbável. Mas, de forma contínua e espiralada, tentam dar pernada de anão na PF: e, cheios de atributos controversos, agora chamam ao cumprimento da lei de “ódio ao PT”.

Nada vai sobrar do Brasil. E, sobre isso, há uma frase de Hannah Arendt, que consta do livro “Crises da República”. É um termo latino: “Fiat justitia et pereat mundus”: faça-se justiça e que pereça o mundo. A frase não é de Arendt: mas do imperador romano Ferdinando Primeiro.

Faz-se a justiça no Brasil, sem limites: e nosso mundo de corrupção profunda, antes impenetrável, pegou o PT, o PSDB e o PMDB.

Não sobrou nada: nem os “sons of bitches” com os quais Lula esperava contar...

Faz-se a justiça: e perece o nosso mundinho: cheio de bandidos com golas de galalite